

Conexões

Alfredo José Mansur¹

Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Estar continuamente conectado eletronicamente tornou-se aspiração geral, um estado corriqueiro e, talvez para muitos, fio condutor sociológico atual, particularmente nos locais com acesso aos meios de comunicação eletrônicos que viabilizem essa possibilidade. Estar conectado significa, por um lado, estabelecer e impor conexões; por outro, significa também estar potencialmente disponível para as conexões. Quanto mais conexões possíveis, mais altas a posição do equipamento ou da pessoa que o possui na sua hierarquia de valores e as reverências que desperta.

Recentemente, fomos apresentados a um equipamento de pulso — assemelhado a um relógio — que permitia grande quantidade de conexões, desde o calendário, com suas múltiplas informações, até os bilhetes de embarque de companhias aéreas, entre outros recursos. E tudo isso soava emancipador e poderoso para quem nos apresentava a mais nova prenda trazida “dos Estados Unidos”. O dispositivo fazia a ligação do seu dono proprietário com a vasta esfera “internética” e sua ampla oportunidade de conexões. Mais um dos equipamentos de conexão que são incorporados.

Lidando na prática clínica e convivendo com outros colegas e profissionais, inclusive os “buratínicos”, com suas aprofundadas leituras, decorrem as naturais reflexões que incluem o verbo conectar-se, com suas regências transitivas e pronominais, o substantivo conexão e o substantivo conectividade, tão na raiz do mais alto modismo atual. As acepções predominantes dos termos correlatos à ideia de conexão dizem respeito principalmente à conexão eletrônica, ainda que não seja essa a única forma de pessoas ou coisas se conectarem.

O dicionário pode ajudar: conexão significa fazer a ligação entre coisas (como exemplo, dois cabos elétricos, dispositivos e computadores) ou pessoas. O dicionário registra acepções aplicáveis a pessoas (ficar atento, interessado no que se passa em volta). A etimologia remete ao inglês *to connect* (1691), adaptado do latim *conectere*, juntar, ligar.^{1,2} Ensinou-me o falecido professor J.M. Rezende que muitas vezes o inglês foi ao latim nutrir-se etimologicamente antes de que o português o fizesse.

Sendo a prática clínica por natureza conectada, é natural que essas novas tecnologias venham a interessá-la e a assisti-la. Do ponto de vista médico, já houve quem conceituasse a conexão como real e humana quando existe conexão entre os olhares (*eye contact*) e plena atenção durante a interação entre profissionais — que pode até ser breve, mas ser densa e eficaz.³

Conexão entre membros de equipes – não há condição humana que consiga individualmente estar continuamente *online*, amplamente conectada, tanto em razão da continuidade quanto pela complexidade quase rotineira de muitas intervenções atualmente disponíveis como parte dos procedimentos de diagnóstico e de terapêutica. A conectividade permanente é possível para as máquinas ou conjunto de profissionais, neste caso, de médicos e demais profissionais de saúde. Desta forma, surgiram as equipes, e hoje, momento épico das práticas transdisciplinares e multiespecialidades, cada uma das equipes participantes do cuidado com um paciente compõe-se de vários médicos. Suponhamos uma equipe de quatro especialidades médicas, cada *chief physician* com

¹Livre-docente em Cardiologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Diretor da Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Endereço para correspondência:

Unidade Clínica de Ambulatório do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 44 — São Paulo (SP) — CEP 05403-000

Tel. InCor (11) 2661-5237 — Consultório: (11) 3289-7020/3289-6889

E-mail: ajmansur@incor.usp.br

Fontes de fomento: nenhuma declarada. Conflito de interesse: nenhum declarado.

Entrada: 24 de novembro de 2017. Última modificação: 24 de novembro de 2017. Aceite: 4 de janeiro de 2018.

sua equipe de quatro médicos mais dois a três enfermeiros e fisioterapeutas dos turnos de enfermagem de 6 ou 12 horas. Somaríamos 20 médicos e talvez 10 enfermeiros e 4 fisioterapeutas a cuidar do paciente, e, se os cuidados se estenderem por menos de 20 dias, muitos poderão assistir o paciente uma única vez. Aventure-se a hipótese de cada médico que examinasse o paciente acrescentar uma terapêutica — seja exame diagnóstico, exame complementar ou medicamento. O fato de existir o conceito de conexão permanente pressupõe que os 34 profissionais do hipotético exemplo estivessem continuamente conectados entre si, seja por meio dos equipamentos de comunicação atuais ou por registros extensos, cada um em uma janela diferente do prontuário médico eletrônico. Mas o número de agentes é tão grande, como grande pode ser o número de pacientes, de tal modo que alcançar a comunicação plena pode ser resultado de alta competência, até com a limitação imposta pela dimensão temporal. O tempo disponível pode ser curto a ponto de enorme número de dados tornar fugazes as densidades de significado das experiências vividas. Esta dificuldade foi encontrada por médicos de outro país: perguntou o autor de comunicado recente, numa circunstância de muitos médicos participantes, por que eles não conversavam entre si.⁴

WhatsApp e outros meios eletrônicos correlatos – criaram uma possibilidade de maior de comunicação e podem ser muito úteis e práticos, particularmente para questões pontuais. Por vezes, a pretensa disponibilidade e o tempo de um relâmpago pode fazer com que tanto o mensageiro quanto o

destinatário relampejem perguntas, respostas e talvez decisões de condutas. Um autor as conceituou como “situações de pouco intercâmbio intelectual”.³ De modo geral, o conteúdo dessas comunicações é olhado por alguns segundos. Há quem admita que é o fato de se prestar atenção por segundos, não a informação específica, que interessa.⁵ Outras vezes, há a necessidade de assinalar “assunto não tratável por WhatsApp”. Detalhes médicos processados por essas vias de comunicação eletrônicas podem alcançar situação indesejável.

Conexões do copiar-colar – a ferramenta copiar e colar é muito útil nos registros eletrônicos. Mas há frequentemente a necessidade de se ocupar de uma conexão temporal ou evolutiva entre registros subsequentes muito semelhantes, ou que talvez os registros devessem ser modificados a cada evolução, evitando o copiar-colar. Neste caso, a conexão é de ordem não eletrônica.

A tela dos computadores – um autor de outro país chamou a atenção para o poder hipnótico das telas dos computadores móveis empregados em hospitais, de tal modo a interferir na conexão com os pacientes.³

Conexões não eletrônicas – Vivências de médicos quando são pacientes podem ser densas. Por vezes, insistem em reiterar a importância das conexões não eletrônicas entre pessoas particularmente em situações pessoais mais difíceis, nas quais a presença humana foi a mais relevante.⁶

Finalizando, não deixamos de lembrar que a experiência e o conhecimento de outros colegas podem ampliar ou aprofundar as reflexões ora apresentadas.

REFERÊNCIAS

1. Houaiss A, Villar MS. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001.
2. Faria O. Dicionário Escolar Latino-Português. 5ª ed. Rio de Janeiro: FENAME; 1975.
3. Drazen JM. Hearing without listening. N Engl J Med. 2016;375(15):1412-3. PMID: 27732809.
4. Srivastava R. Abandonment. N Engl J Med. 2017;377(9):805-7. PMID: 28854084.
5. How the world was trolled. Once considered a boon to democracy, social media have started to look like its nemesis. London: The Economist 2017 Nov 4; 425 (9065):19-22. Available from: <https://www.economist.com/news/briefing/21730870-economy-based-attention-easily-gamed-once-considered-boon-democracy-social-media>. Accessed in 2017 (Nov 27).
6. Grinberg C. The worst of days. Ann Intern Med. 2017;167(9):681-2. PMID: 29114752.